

PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM OLHAR HUMANIZADO PARA AS CRIANÇAS ADOECIDAS.

Luana Marcela Pereira da Silva¹
Profa. Dra. Aparecida Meire Calegari Falco²

RESUMO

O estudo apresenta como objetivo geral analisar o que a pedagogia hospitalar pode contribuir tendo um olhar mais humanizado na hospitalização infantil, já que adoecer pode causar sofrimento e angústia, afetando a qualidade de vida da criança. Deste modo o estudo busca fomentar conhecimentos que possam subsidiar a compreensão da importância do pedagogo nesse novo processo de atuação, tendo em vista que a educação e a saúde são elementos fundamentais para que ocorram transformações sociais que facilitem o desenvolvimento no mundo que vivemos. A pedagogia hospitalar como área educacional visa dar continuidade a escolarização regular das crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados. Os profissionais envolvidos precisam de um preparo para desempenhar tal função. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, com foco em como o pedagogo pode propiciar um ambiente humanizador, além de buscar compreender todo esse processo de recuperação da criança que se encontra nesse contexto.

Palavras chave: Educação. Pedagogia hospitalar. Humanização. Hospitalização infantil.

1 Introdução

A hospitalização acontece quando ocorre alguma enfermidade na qual a criança/adolescente necessita de uma atenção mais especial e exige cuidados. Algumas internações podem se prolongar por anos e a única possibilidade de a criança/adolescente ter uma educação no hospital formalizada é através da pedagogia hospitalar.

Essas ações educativas foram criadas a partir da década de 90, com leis específicas para as classes hospitalares, e eram regidas conforme a constituição Federal de 1988, título VIII – da ordem social, capítulo III – da Educação da cultura e do desporto, seção I, artigo 2005:

A educação é um direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.)

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

² Doutora em Pedagogia Hospitalar, professora no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - PR.

A criança e o adolescente têm direito à educação e a saúde de qualidade, visando para o desenvolvimento de sua pessoa como um todo. As doenças que levam a hospitalização, infelizmente afetam a vida dessas pessoas em um determinado período de suas vidas.

Sendo assim existe a necessidade de proporcionar a essas crianças e adolescentes um ambiente hospitalar diferenciado, dessa forma também se faz necessário uma ação docente que desenvolva habilidades para a atuação dos pedagogos em espaços não escolares, como o hospital, na qual o doente não fique somente no hospital para tratamento, mas também para que receba ações educativas. Segundo a política do ministério da educação (MEC):

Classe hospitalar é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar. (BRASIL, 1994, p.20)

A educação possui cada vez mais um importante papel como mediadora das transformações sociais visto que a uma diversidade de problemas emergentes de uma sociedade capitalista e excludente, nesse sentido a Pedagogia Hospitalar tem adquirido um papel fundamental dentro da educação, pois tem como proposta acompanhar as crianças e adolescentes em situações de ausência da escola. Destacando a importância de que esse papel seja feito de forma mais humanizada possível, já que a simples estadia no hospital já afeta a qualidade de vida dessas crianças e adolescentes.

A formação do professor para a atuação neste espaço é de suma importância, pois o pedagogo será o mediador para restaurar os laços da criança internada com o cotidiano escolar, intervindo para que estes tenham uma melhor interação social, valorizando as suas aptidões, respeitando os limites clínicos de cada um.

Surge diante dos fatos a existência de uma práxis pedagógica nos hospitais, com novas formas de conceber a educação e que tenham esse olhar mais apurado nesse processo de ensino aprendizagem, contribuindo para diminuição do fracasso escolar e dos índices de evasão escolar.

Geralmente crianças e adolescentes afetados por doenças crônicas, mesmo antes da hospitalização, acabam faltando no ensino regular e ocorrendo lacunas e fraturas de aprendizagem muito grandes.

É necessário considerar o bem-estar físico, psíquico e emocional da criança hospitalizada importante, e nós pedagogos, temos que levar isso em consideração, lidando com os grandes desafios e fragilidades existentes a pedagogia hospitalar.

Para a pessoa hospitalizada o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas, separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais. (BRASIL, 2002, p.10)

A pedagogia hospitalar como área educacional tem como papel, primeiramente, dar continuidade a escolarização regular das crianças e adolescentes que estão hospitalizados. O professor tem que ter um diferencial na questão da abordagem a diversidade e ser um profissional que esteja apto e preparado para receber essas pessoas que vem de séries diferentes e possuem níveis socioeconômicos alternados. Então o pedagogo hospitalar tem que realizar um trabalho amplo, que analisa as situações físicas e emocionais desses alunos/pacientes, para adaptar as aulas da melhor maneira.

Deste modo, o presente estudo busca contribuir para um melhor entendimento do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, compreendendo assim a relação entre a educação e saúde e podendo colaborar na compreensão do pedagogo e a sua atuação para auxiliar nesse processo de recuperação da criança hospitalizada.

Esta pesquisa se justifica uma vez que é um tema pouco explorado na graduação como um campo de atuação pedagógica para além da escola. O principal objetivo é refletir sobre a realidade das crianças em recuperação da saúde e compreender como o pedagogo pode propiciar um ambiente humanizador para esse aluno que se encontra tão vulnerável.

Este estudo será desenvolvido sob a forma de um artigo e caracteriza-se como pesquisa de caráter bibliográfico. Portanto, será desenvolvido por meio de investigações em livros, artigos e demais fontes impressas ou disponíveis na internet, tendo como principal objetivo refletir e compreender a realidade das crianças em recuperação da saúde, como o pedagogo pode propiciar um ambiente humanizador. O método utilizado será o qualitativo.

2 Pedagogia hospitalar breve histórico e a importância da pedagogia no desenvolvimento da criança.

Segundo Vasconcelos (2007), “a pedagogia hospitalar tem origem no ano de 1935, quando Henri Sellier cria a primeira escola para crianças inadaptadas, com o intuito de dar continuidade ao processo educativo” (VASCONCELOS, 2007 apud CALEGARI *et al* 2009). No Brasil, “a primeira classe hospitalar foi criada no Rio de Janeiro no ano de 1950, visando atender crianças internadas, para que em seus retornos para escolas regulares pudessem continuar seus estudos normalmente” (MARTINS, 2009, p. __).

Esse espaço de educação não formal torna-se necessário para uma melhor qualidade de vida da criança hospitalizada, pois o processo de sair do ambiente familiar para um ambiente que normalmente não é muito receptivo, como é o caso do hospital, juntamente com a falta de informação sobre sua doença e a necessidade em ter que conviver com outras crianças adoecidas e profissionais da saúde, pode ter como consequências a tristeza e a depressão. Para entender as mudanças ocorridas devido à hospitalização, Ribeiro (1993) discorre sobre o assunto.

Durante a hospitalização todo cenário em que vinha ocorrendo à vida altera-se drasticamente. Mudam as pessoas, as atividades e o ambiente, sendo, portanto, uma alteração radical, onde pouquíssimos elementos de sua vida, anterior ao internamento, são preservados, causando dessa forma, insegurança, medo e solidão. (RIBEIRO, 1993, apud CALEGARI, 2003, p. 52)

É importante ressaltar que o pedagogo, por meio de intervenções pedagógicas lúdicas, busca amenizar as dificuldades causadas pela hospitalização. A atuação da Pedagogia Hospitalar deve acontecer por meio de variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização e a continuação dos estudos no hospital.

A criança na condição normal tende a ser alegre, mas quando em decorrência de uma enfermidade, principalmente se necessita de hospitalização, seu humor é modificado, isto é, a criança passa a ficar com picos de humor. O pedagogo nesse cenário encontra-se entre duas atividades assistenciais: a do médico e a de psicólogo, deste modo, torna-se indispensável à atuação do pedagogo no sentido da

recuperação da criança. Esta atuação não somente leva entretenimento para a criança hospitalizada, mas também oferece meios de ela se integrar ao aprendizado nas atividades propostas. Então o pedagogo também passa a fazer parte de uma equipe multidisciplinar, onde existem médicos e enfermeiros.

A equipe pedagógica deve estar ciente que a criança está passando por um momento delicado em sua vida, e que sua recuperação depende de dois fatores: físico e emocional assim tornam-se primordial a atenção, a dedicação, o afeto e respeitar os limites de cada paciente, portanto o trabalho pedagógico nesse espaço acaba se tornando um desafio constante.

3 Atividades pedagógicas que podem ser feitas em ambiente hospitalar com a criança

O tema a ser pesquisado é relevante uma vez que é necessário compreender a contribuição de uma pedagogia humanizadora por meio de atividades lúdicas para o processo de recuperação da criança hospitalizada. A partir deste cenário o pedagogo busca propiciar a criança um ambiente agradável e diferenciado de aprendizagem, de acordo com a realidade de criança.

As atividades lúdicas no ambiente hospitalar podem ser uma parceria fundamental no cotidiano da criança hospitalizada, e por meio do BRINCAR tornar-se algo produtivo e estimulante, criando um ambiente interessante e motivador. Segundo Calegari (2003),

O brinquedo estimula a imaginação que é um modo de funcionamento psicológico especificamente humano. Através do brinquedo, a criança aprende a atuar em uma esfera cognitiva que depende de motivações internas. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo, e o faz de maneira superior ao nível em que se encontra. (CALEGARI, 2003, p. 83)

As atividades que envolvem brincadeiras é de suma importância, desde que seja adequada a idade da criança e que não seja somente o brincar por brincar, essas brincadeiras devem ser realizadas sempre com a mediação do professor, pois elas podem auxiliar a criança na representação de suas angústias, seus medos, podendo até ajudar no alívio do stress.

A promoção de um ambiente alegre e estimulador abre um leque de possibilidades. Durante o desenvolvimento dessas novas experiências e descobertas, neste momento lúdico, o professor tem um papel de facilitador, permitindo assim criar uma atmosfera de aprendizagens e desenvolvimento.

Mesmo os brinquedos industrializados organizados nas prateleiras de uma grande loja são apenas um potencial de brinquedos, não os são ainda. Esses objetos se transformarão em brinquedos apenas quando forem usados pelas crianças em uma situação de brincadeira, utilizados livremente para dar vida aos enredos por elas inventados.

Para Wajskop (2007),

O brinquedo pode ser qualquer objeto que se transforma a partir da atuação da criança com o brinquedo, tornando-se assim um suporte para a brincadeira e não um objeto que determina a brincadeira. Com isso entendemos que não é o brinquedo que delimita a brincadeira, mas a imaginação da criança e imaginação é o que não falta para uma criança. (WAJSKOP, 2007, p. 40)

A hospitalização infantil pode desencadear muitas vezes dor, podendo afetar o emocional tanto da criança quanto dos familiares envolvidos, ela também acaba sendo privada do seu convívio social, com seus colegas, familiares e professores. Portanto a função pedagógica nesse processo é dar continuidade ao trabalho escolar, resgatando a humanização, além de contribuir para recuperação dessa criança, propiciando condições para que a mesma não se prejudique e também não fique desatualizada no que se refere ao conteúdo escolar.

A escuta pedagógica deve estar ciente que a criança está passando por um momento delicado, assim torna-se primordial a atenção, a dedicação, o afeto e respeitar os limites de cada paciente.

Então todo esse processo lúdico permite com que a criança crie situações imaginárias que possibilitem um enfrentamento melhor com os seus problemas de saúde. De acordo com Cunha (1998),

[...] brincar é essencial a saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, também, porque na brincadeira não há trapaça, há sinceridade, engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de reconhecer e

reinventar. E tudo isso desenvolvendo atenção, concentração e muitas habilidades. É brincando que a criança mergulha na vida, sentindo-a na dimensão de suas possibilidades. No espaço criado pelo brincar nessa aparente fantasia, acontece a expressão de uma realidade interior aparente fantasia, acontece a expressão de um interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares. A brincadeira espontânea proporciona oportunidades de transferências significativas que resgatam situações conflituosas. (CUNHA, 1998, p.39-40)

Nesse cenário da hospitalização a criança aprende de forma prazerosa, já que segundo Calegari (2009), a mediação do professor a criança hospitalizada tem o apoio necessário para então superar os limites que a sua condição está impondo.

Considerando que o brincar é um instrumento lúdico que medeia a relação da criança com o mundo e influencia na maneira como esta se relaciona e interage, este se apresenta como uma estratégia de cuidado integral à criança hospitalizada oportunizando a este ser especial deixar transparecer o seu modo de ser no mundo o que permite aos profissionais considerar sua singularidade no processo de adoecimento e de hospitalização, bem como oferecendo oportunidade a esta criança de expressar seus sentimentos encobertos, subsidiando conseqüentemente na construção de estratégias para lidar com os acontecimentos. (MORAIS, 2011)

Partindo da integração da criança e do adolescente e criando situações de aprendizagens, não só dando continuidade ao trabalho escolar, mas também, oportunizando momentos de descontração e prazer, pode-se contribuir de forma efetiva para a melhora da qualidade de vida desse aluno que se encontra em situação de internação. Sendo assim considera-se que as atividades lúdicas, quando bem mediadas pelo pedagogo, podem sim ter uma significação para criança que esta internada, e auxiliar no desenvolvimento, aprendizagem e qualidade de vida do indivíduo.

4. O que a interação contribui para a criança ressignificar o ambiente hospitalar e a sua relação com a doença

O projeto busca mostrar a importância de um espaço humanizador para o auxílio na recuperação de crianças hospitalizadas. Para entender sobre o conceito de humanização em ambiente hospitalar pode-se utilizar a definição de Calegari (2003) sobre o assunto, “Humanização em saúde é resgatar o respeito à vida humana, levando-se em conta as circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano” (CALEGARI, 2003, p.120).

Portanto ser humanizador em ambiente hospitalar é criar condições propícias para o resgate do respeito à vida. Esse resgate na alegria de viver poderá ser feito por meio de contação de histórias, jogos e brincadeiras.

Na concepção de Calegari (2003) “a pretensão da atuação pedagógica é, antes de mais nada, ajudar a criança hospitalizada para que o mesmo vivendo um período difícil, consiga continuar se desenvolvendo em todos os aspectos, com maior normalidade possível” (CALEGARI, 2003, p.). Nesse cenário as atividades de caráter lúdico agregadas a educação acabam ganhando espaço.

Nos méritos legais a Resolução nº. 41 de 1995 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no item 9 deixa claro que a criança hospitalizada tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação e ter acompanhamento do currículo escolar no período em que permanecer no Hospital. Conforme afirma Esteves (2008):

Um dos objetivos da classe hospitalar, na área sócio-política, é o de defender o direito de toda criança e adolescente a cidadania, e o respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais e no direito de cada um ter oportunidades iguais. (ESTEVES, 2008, p.4)

Para entender de que forma o pedagogo pode propiciar um ambiente clínico em um espaço de aprendizagem, Vygotsky discorre sobre o assunto:

Quando propõe que são as condições concretas de vida que determinam diretamente o desenvolvimento do psique de uma criança, o que nos faz constatar que é justamente o que oferecemos à criança, enquanto prática real, que vai determinar o seu desenvolvimento, dessa forma, é importante pensar o hospital enquanto um espaço de aprendizagem e de desenvolvimento infantil” (VYGOTSKY, 1989, apud CALEGARI, 2003).

Portanto torna-se necessário conhecer o processo de hospitalização da criança, procedimentos médicos, entre outros, para poder melhor conceber o papel

do pedagogo no processo de humanização, resultando assim no auxílio para a recuperação da criança hospitalizada. Esse profissional da educação poderá propiciar o aprendizado de forma prazerosa, interagindo com o auxílio de atividades lúdicas, porém respeitando sempre o limite do paciente, como afirma Calegari (2003):

[...] a ação educativa de que se ocupa a Pedagogia Hospitalar não pode ser identificada como simples instrução, ou transmissão de conhecimentos formalizados. Além de preservar este aspecto de transmissão de conhecimentos formais da educação, que a criança hospitalizada pode e deve aprender, a Pedagogia Hospitalar reconhece que neste ambiente o seu trabalho é importante, mas não é o principal. (CALEGARI, 2003, p.72-73)

Para que o trabalho do pedagogo ocorra com mais eficácia é necessário que o mesmo esteja interado não somente com o paciente, mas também com a equipe de profissionais envolvidos médicos, enfermeiros e a família.

A partir disso, o atendimento pedagógico deve ser entendido como uma escuta pedagógica que atende as necessidades e interesses da criança e do adolescente hospitalizado. Até pouco então essa criança/adolescente estava em sua rotina normal e ao entrar no hospital acontece uma série de coisas que acaba fragmentando as suas necessidades.

Então a classe hospitalar serve para que essas crianças hospitalizadas não percam o aprendizado que estariam tendo na escola normal, propiciando a oportunidade de continuar seus estudos e não se sentirem prejudicadas pelo fato de não estarem indo na sua escola.

A importância que as práticas pedagógicas aconteçam no hospital é porque elas podem auxiliar no tratamento criança/paciente, já que a criança enquanto paciente não pode ser tratada somente a doença, devem estar ligados todos os aspectos, incluindo o cognitivo e emocional.

Para Fonseca (2002), “a sala de aula do hospital é a janela por onde a criança se conecta com o mundo” (FONSECA, 2002, p. 58). Um ambiente que poderia ser frio e desconfortante acaba sendo transformado com a vinda da pedagogia hospitalar.

A pedagogia hospitalar pode proporcionar à criança e ao adolescente hospitalizados uma recuperação mais aliviada, através de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas, prevenindo o fracasso escolar, que nesses casos, é gerado pelo afastamento da rotina escolar, sendo possível integrar o doente ao seu

novo modo de vida tão rápido quanto possível, dentro de um ambiente acolhedor e humanizado, que reforça os laços familiares.

5. Considerações finais

Ao longo desse trabalho foi possível observar a importância da atuação dos pedagogos em espaços não escolares como os hospitais, pois o trabalho pedagógico hospitalar favorece o desenvolvimento e aprendizagem do aluno hospitalizado garantindo o direito à continuidade aos estudos e as atividades lúdicas, isso de maneira mais humanizadora possível.

A Pedagogia Hospitalar busca apresentar outro campo de atuação ao profissional da educação. Este campo já existe e já acontece em algumas instituições, embora não alcance a todas as realidades. Percebe-se dessa forma a necessidade de inserção de pedagogos na área hospitalar para garantir o direito à continuidade de ensino conforme a lei estabelece-a educação para todos.

Cabe ressaltar, que muito ainda se tem a avançar para execução de um trabalho pedagógico com qualidade. Exemplo disso é a necessidade de preparo desse profissional em centros de graduação de ensino formando pedagogos especializados no trabalho hospitalar.

Nesse sentido o trabalho em questão nos faz refletir sobre função do professor de uma classe hospitalar, pois o mesmo não deve se restringir apenas a “ocupar-se criativamente” o tempo da criança para que ela tenha consciência de sua enfermidade, ou criar espaços diferenciados de ludicidade como metodologia para que esta esqueça por alguns momentos que está doente. O professor deve estar no hospital para possibilitar a aprendizagem dos conteúdos escolares por meio dos processos afetivos.

O pedagogo acaba se tornando um agente de mudanças, que numa perspectiva integradora e numa visão de prática pedagógica de educação integral promove o aperfeiçoamento humano. Em relação a formação do profissional Pedagogo para atuação em classes hospitalares constitui-se de uma importante relevância social, visto que este profissional deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais identificando a necessidade educacional de cada aluno.

Concluimos que as estratégias de humanização, utilizadas por meio de atividades lúdicas, podem surtir um efeito terapêutico positivo para as crianças e adolescentes, pois neste momento eles esquecem o momento difícil em que se encontra, auxiliado assim no seu processo de recuperação. Portanto, o brincar, pode ser explorado pelo pedagogo como uma forma genuína de humanização e para realizar suas atividades proporcionando a criança ao mesmo tempo aprendizagem e entretenimento.

Por meio desta pesquisa bibliográfica foi possível demonstrar a importância do profissional de pedagogia no ambiente hospitalar e que esta proposta se desenvolve num trabalho de parceria, responsabilidade e compromisso com o educando de forma contextualizada e integrada, de maneira mais humanizadora possível, essa é a chave da questão.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (1995)**. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados, Resolução n.41, de 13 de outubro de 1995. Diário Oficial da União de 17/10/98. Brasília: Imprensa Oficial, 1995.

BRASIL. Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional da Educação Especial**. Brasília, MEC, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, MEC, 2002.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre educação e saúde: Implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar**. 141f. Tese (Mestrado em Pedagogia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 2003.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre Educação e Saúde: Implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar**. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

CALEGARI, Aparecida Meire; RODRIGUERO, Celma Regina Borghi; CABREIRA, Luciana Grandini; CABREIRA, Luzia Grandini. **Intervenção pedagógica junto a criança hospitalizada: memória e perspectiva.** In: Rodrigues, Eliane; Rosin, Sheila Maria (org). **Pedagogia 35 anos: História e memória** Universidade Estadual de Maringá. Curitiba : Instituto Memória, 2009.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedo, desafio e descoberta para utilização e confecção de brinquedos.** Rio de Janeiro: FAE, 1988.

ESTEVES, Cláudia Regina. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes_hospitalares/webartigos/pedagogia%20hospitalar....pdf. Acesso em: 11/06/2018.

MARTINS, Sônia Pereira de Freitas. **Hospitalização escolarizada em busca da humanização social.** In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar.** Petrópolis: Vozes, cap.2, 2009.

SOUZA, Zilmene , ROLIM, Carmem Lucia Artioli Santana. **Educação hospitalar: A atuação do pedagogo no atendimento às crianças em tratamento de saúde.** Educere XII Congresso Nacional de educação. IX encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar – ENAEH – PUC 26 A 29/10/2015 ISSN 2176-1396.

FONTES, Rejane de Souza. **Da Classe á Pedagogia Hospitalar: A educação Para Além Da Escolarização.** N 1,p.72-92, 2008.

FONTES, Rejane de Souza. **A escuta pedagógica a criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital.** Universidade Federal Fluminense, faculdade de educação. Ver. BRAS. EDUC. N 29, p. 119-138. ISSN 1413-2478, 2005.

SANTOS, Silvana Divaneide Paz dos Santos. **A influência do Lúdico no ambiente hospitalar infantil.** Universidade Estadual de Maringá, 2012.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola.** São Paulo: Cortez, 2007.